



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SILVIO JOSÉ TRAVASSOS CORDEIRO

**ENCONTROS E DESENCONTROS NAS VOZES DE CRIANÇAS NA ESCOLA DO
CAMPO DA COMUNIDADE VILA JORDÃO, BONITO-PA**

BRAGANÇA-PA
2023

SILVIO JOSÉ TRAVASSOS CORDEIRO

**ENCONTROS E DESENCONTROS NAS VOZES DE CRIANÇAS NA ESCOLA DO
CAMPO DA COMUNIDADE VILA JORDÃO, BONITO-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação do Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Natalina Mendes Freitas

BRAGANÇA-PA
2023

SILVIO JOSÉ TRAVASSOS CORDEIRO

**ENCONTROS E DESENCONTROS NAS VOZES DE CRIANÇAS NA ESCOLA DO
CAMPO DA COMUNIDADE VILA JORDÃO, BONITO-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Educação do Campus Universitário de Bragança, Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Natalina Mendes Freitas

APROVADO EM: ___/___/___

CONCEITO: _____

BANCA AVALIADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Natalina Mendes Freitas
Orientadora – Universidade Federal do Pará

Prof.^a Dr.^a Nádia Sueli Araújo da Rocha
Avaliadora – Universidade Federal do Pará

Prof. Me. Antonio Matheus do Rosário Corrêa
Avaliador – Universidade Federal do Pará

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e a Nossa Senhora da Conceição, por minha vida e por tudo que tenho conquistado até aqui.

A minha família, minha irmã Suane Cordeiro, a minha mãe e meu pai, Margareth e Silvio, minhas avós Gorete e Lucinda, que são minha base e o motivo da minha força para não ter desistido e continuado até a conquista deste sonho e aos meus tios Rosi e Nazaré e meus primos Cibelly, Ronni, Verônica e a recém-chegada da família Ravylla, a minha futura paraninfa Anna e a família da Tia Graça por todo apoio nesta jornada e a cada familiar que me incentivou nesta caminhada. Assim também expresso meus sentimentos de gratidão aos meus amigos da Vila Jordão, por todo apoio e torcida neste percurso, entre eles, Denilson e Gustavo. Agradeço as pessoas que fizeram parte deste trabalho em especial as crianças da escola da comunidade.

Agradeço aos meus amigos de Bragança, UFPA e do curso de Pedagogia, por estarem ao meu lado e contribuindo para minha formação: em especial, Charlene, que segue em minhas lembranças, a Leticia e Gesica, por estarem comigo desde o início, Pâmela, Keisi, Williane e Fernanda que formaram parte do meu grupo de trabalho, Neudilene, Paulla, Thiago, Suely... e aos demais amigos que fizeram parte deste ciclo.

Agradeço aos professores e professoras que passaram por toda minha jornada desde a educação básica até ao ensino superior, como minha madrinha Conceição, minha primeira professora e à professora Maria Natalina junto com o grupo NEPIECAP, onde tive a oportunidade de atuar como membro e pesquisador e por toda contribuição e orientação durante este trabalho que me inspirou e inspira na luta por nossa educação.

Finalizo agradecendo a todos que de alguma forma seja direta ou indiretamente passaram por meu caminho e deixaram um pouco do amor em mim, e se caso eu esqueci de mencionar alguém, saiba que você é muito importante para mim e a minha gratidão por algo que vivemos sempre estará em meu coração.

“Eu lembro quando era criança,
Brincando na beira do rio,
Deixando o tempo passar ou passando tempo
Era o meu desafio...”

(Joelma – Menina do Interior)

ENCONTROS E DESENCONTROS NAS VOZES DE CRIANÇAS NA ESCOLA DO CAMPO DA COMUNIDADE VILA JORDÃO, BONITO-PA¹

RESUMO: Este trabalho acadêmico sobre processos educativos na escola do campo, resulta de estudos e diálogos promovidos pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Infâncias, Educação e Cultura na Amazônia Paraense, associado ao Projeto de Pesquisa - As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense-CNPq/MCTI/FNDCT, despertando em seus membros o interesse de ouvir o que as crianças dizem sobre a escola em que estudam e quais os seus sentidos e significados. O objetivo central é identificar e analisar os sentidos e significados atribuídos à escola pelas crianças acerca do fazer educativo da escola do campo, Comunidade de Vila Jordão, município de Bonito, estado do Pará e sua relação com o desempenho escolar. Metodologicamente trata-se de uma abordagem qualitativa com a realização de pesquisa de campo compreendida entre os dias 3 a 11 de março de 2022. Os participantes da pesquisa são crianças, na faixa etária de 7 a 10 anos. Para realizar a escuta dos sujeitos utilizamos diferentes abordagens que se complementam, pesquisa bibliográfica, desenhos, observações e escuta com os alunos e as famílias residentes nesta localidade. Ancoramos o estudo em referenciais teóricos da área da educação, infância e educação do campo e os seguintes autores: Caldart (2004), Freitas (2005); Ferreira e Nunes (2014), Evangelista e Marchi (2022), entre outros. A pesquisa demonstrou que as crianças desejam uma escola portadora de aprendizagens significativas com elementos de sua cultura lúdica respeitando sua tradição e o tempo de ser criança. É importante ainda, que a escola do campo seja um espaço-tempo fundamental de formação humana, existência e resistência camponesa.

Palavras-chave: Escola do Campo. Crianças. Processos Educativos

¹Este trabalho é fruto de estudos relacionados a pesquisa *As Gramáticas Sociais de Crianças e suas Infâncias em Territórios de Águas de Regiões da Amazônia Paraense*, provado pela CHAMADA UNIVERSAL - CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021. Comitê de Ética – PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_6201408.

ENCOUNTERS AND MISMATCHES IN THE VOICES OF CHILDREN AT A RURAL SCHOOL IN THE VILA JORDÃO COMMUNITY, BONITO-PA

ABSTRACT: This academic work on educational processes in rural schools is the result of studies and dialogues promoted by the Center for Studies and Research on Childhood, Education and Culture in the Para Amazon, associated with the Research Project - The social grammars of children and their childhoods in water territories in regions of the Para Amazon - CNPq/MCTI/FNDCT, which aroused the interest of its members in listening to what children say about the school where they study and what their senses and meanings are. The central objective is to identify and analyze the meanings and significance attributed to the school by the children about the educational activity of the rural school, Vila Jordão Community, Bonito municipality, Pará state, and its relationship with school performance. Methodologically, this is a qualitative approach with field research carried out between March 3 and 11, 2022. The research participants are children aged between 7 and 10. In order to listen to the subjects, we used different approaches that complement each other: bibliographical research, drawings, observations and listening to the students and their families living in the area. We anchored the study in theoretical references from the field of education, childhood and rural education and the following authors: Caldart (2004), Freitas (2005); Ferreira and Nunes (2014), Evangelista and Marchi (2022), among others. The research showed that the children want a school that offers meaningful learning with elements of their play culture, respecting their traditions and the time they have to be children. It is also important that the rural school is a fundamental space-time for human formation, existence and peasant resistance.

Keywords: Country school. Children. Educational Processes

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico parte das reflexões e debates realizados pelo Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Infância, Educação e Cultura na Amazônia Paraense (NEPIECAP/CNPQ²) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e de suas pesquisas que vem realizando no âmbito do PROGRAMA PRODOUTOR/ Pesquisa com crianças na Amazônia: uma análise da produção nos Programas de Pós-Graduação em Educação da Região Norte-2021/2023 e CNPQ/ As gramáticas sociais de crianças e suas infâncias em territórios de águas de regiões da Amazônia paraense 2021-2025. Como graduando, essas pesquisas, suscitaram-me interesse na temática da Educação do Campo, o qual me propus pesquisar, inclusive com trabalhos já publicados em eventos nacionais.

A Educação do Campo ao ganhar visibilidade no cenário nacional e na política pública, questionou e problematizou questões que até então viviam no anonimato. Após a abertura de diálogo com a política nacional, comunidade acadêmica e movimentos sociais, esse movimento disseminou variadas discussões em torno da escola localizada nos territórios rurais brasileiros. Já se passaram 25 anos dessa luta e hoje encontramos um acúmulo grandioso de trabalhos acadêmicos que tratam da escola do campo, localizadas nos territórios rurais brasileiros.

O estado do Pará ganha destaque por apresentar um crescente volume de estudos, pesquisas e produções acadêmicas acerca desta temática. Animados por este cenário, buscamos conhecer a realidade de uma escola multisseriada do campo, localizada na comunidade de Vila Jordão, no interior do município de Bonito, no nordeste paraense, a partir das vozes das crianças e de seu olhar significativo apontando para as perspectivas que estas demonstram acerca da referida escola. Saber como desejam que seja seu espaço educativo, o que elas pensam e como elas reproduzem esse sonho por meio de suas falas e desenhos.

Esta pesquisa também versa sobre processos educativos na escola do campo e trata do sentido e significado atribuído à escola relacionado ao trabalho pedagógico desenvolvido na escola do campo aos educandos que frequentam a escola multisseriada da Vila Jordão. Esta escola é o centro de encontro de crianças para a produção de conhecimento e partilha da vida comunitária. Daí, ser um importante espaço para quem vive em território camponês paraense, para encontros com seus pares, brincar, estudar e principalmente um espaço-tempo de formação humana.

² O NEPIECAP é um espaço de investigação, divulgação, e intercâmbio de pesquisas em torno das infâncias, educação e cultura na Amazônia paraense na UFPA Campus de Bragança e tem como coordenadora Prof^a Dr^a Maria Natalina Mendes Freitas.

Diante dessa perspectiva, considerar a relação que o sujeito estabelece consigo mesmo e o seu meio social é que nos permite “compreender como o sujeito categoriza, organiza seu mundo, como ele dá sentido à sua experiência e especialmente à sua experiência escolar” (CHARLOT, 2005, p. 41). Assim, ao privilegiar as relações tecidas no cotidiano de vida das crianças no espaço escolar e as vivências de seu meio e a influência de seu território camponês, ajuda-nos a entender as práticas educativas desenvolvidas na escola do campo, uma vez que, o contexto é, também, um determinante da prática docente. O sujeito está imerso em uma teia de relações com o outro, com o meio em que está inserido e consigo mesmo, pois a identidade docente e discente é “uma construção social, histórica, cultural” (RODRIGUES, 2009 p, 14).

A compreensão em que ancoramos nossas reflexões sobre o ensinar, pode significar transmitir informações, somente se aprender, significar memorizar essas informações. O cotejamento empreendido, nos fez refletir acerca dos encontros e desencontros da escola do campo em seu processo educativo tomando por base as movências cotidianas e o sentido de pertencimento que encharcam a vida dos educandos desta comunidade.

Ciente de que a escola, não é apenas um lugar onde se aprende conteúdos verticalizados das áreas de conhecimentos, acreditamos que ela é um lugar de desenvolvimento, de aprendizagem, de formação de identidade, de cultura, de interação e de sonhos e que as crianças também são construtoras de suas identidades, suas interações com as pessoas, com o mundo adulto, por meio do desenvolvimento de rotinas culturais e da linguagem e assim elas compreendem sobre o pertencimento a um grupo social que abrirá portas para o conhecimento sociocultural. (EVAGELISTA; MARCHI, 2022). Este trabalho assume a perspectiva de que "é apenas a partir da concepção de campo como lugar de vida que é possível articular: infância e campo [...] num contexto caracterizado por intensa dinâmica socioambiental, de classe, política, econômica e cultural" (SILVA *et al*, 2013, p.16). A orientação neste trabalho é pela concepção de criança como sujeito social e, por isso mesmo, pela partilha dos dados junto e com as crianças.

Destaca-se a importância e o papel fundamental das crianças e da escola nesta pesquisa, entendendo-as como “sujeitos de direitos e protagonistas de sua história e a necessidade de uma escola como instrumento de justiça social” (BARBOSA; FERNANDES, 2013, p.311). Para desencadear o estudo, optamos em trazer as vozes das crianças, a fim de que possam tomar posse desse protagonismo, destacando suas visões e leituras acerca do espaço escolar, sobre o que aprendem e como aprendem, do que brincam e com quem brincam. O objetivo central é identificar e analisar os sentidos e significados atribuídos à escola pelas crianças acerca do fazer educativo da escola do campo da Vila Jordão e sua relação com o desempenho escolar. Assim,

queremos compreender o que elas pensam sobre os espaços escolares, o ensino e suas aprendizagens e como elas nos fazem repensar sobre as práticas pedagógicas e lúdicas de um aprender e um ensinar com alegria. Diante de tais perspectivas, o estudo envolveu os seguintes objetivos específicos a partir das questões norteadoras: descrever o que dizem as crianças sobre a escola e quais são os sentidos e o significado de ir para a escola e analisar como as crianças gostariam que fosse a escola onde estudam e se é possível aprender brincando. Estas foram algumas questões que nortearam esta pesquisa.

A reflexão ora proposta centra-se em três categorias de cunho teórico e empírico, interrelacionadas: a) O que as crianças pensam sobre a escola que temos e a escola que queremos; b) que sentido e significações são dadas pelas crianças às suas aprendizagens; c) como se desenvolvem os brincames das crianças e suas relações com o aprender no espaço escolar. Para dar conta deste debate, buscou-se dialogar com pesquisadores que se debruçam aos estudos e pesquisas em educação do campo e infância, a fim de subsidiar as discussões teóricas e a análise dos dados obtidos pela pesquisa. Dentre os autores referências, destacam-se: CALDART (2004), FREITAS (2005); FERREIRA; NUNES (2014); EVANGELISTA; MARCHI (2022), entre outros estudiosos.

O texto está estruturado em cinco sessões, sendo a primeira a introdução, em que se faz a contextualização da temática, apresentando as questões norteadoras e os objetivos da pesquisa. A sessão dois trata da fundamentação teórica da educação do campo e dos estudos da infância na Amazônia. A terceira sessão, traça o percurso metodológico experienciado pela pesquisa. A quarta sessão, apresenta as discussões e os resultados, na assertiva de responder aos objetivos da investigação. Por fim, a última sessão, as considerações finais em que aponta e visa contribuir com reflexões pertinentes ao trabalho educativo da escola multisseriada no território rural da Comunidade Vila Jordão.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO: A CLASSE MULTISSERIADA E A INFÂNCIA CAMPONESA

A Educação do Campo tem sua história contada bem recente e está a exigir um novo olhar sobre a educação que se pratica nos espaços escolares com os filhos de trabalhadores residentes no campo brasileiro em "[...] que produzem suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural" (BRASIL, 2010). Essa educação ofertada aos filhos de camponeses, nos mobiliza a pensar uma prática educativa e um currículo que partam de suas vivências proporcionando-lhes pensar sua realidade e dando-lhes oportunidade para permanecerem com dignidade em suas propriedades, aliando e garantindo uma educação com qualidade, efetivando a igualdade de acesso e permanência com sucesso.

As turmas multisseriadas ainda são realidades na escola do campo e nos processos pedagógicos que a envolvem, abrange educandos e educandas de idades e série ou anos escolares diferentes, geralmente com um único professor ou professora, com a função de organizar seu trabalho e aplicar a prática docente, muitas vezes com conteúdo diferente para uma única turma (SILVA; SOUZA, 2014). No espaço camponês a escola multisseriada tem sido a única possibilidade que filhos de camponeses, pescadores, assentados entre outros, tenham acesso à educação.

Nesse espaço, convivem crianças, adolescentes e jovens com interesses diferenciados exigindo do educador um trabalho mais envolvente e comprometido com a aprendizagem de seus sujeitos. Inicialmente discutiremos dois aspectos que no decorrer da pesquisa pudemos observar, qual seja, o espaço escolar e a aprendizagem e o papel do brincar na construção do conhecimento.

2.1 Espaço escolar e aprendizagem

Pensar no espaço escolar, é pensar sobre a estrutura de uma escola e em suas funcionalidades no desempenho dos alunos, pois o espaço escolar está ligado diretamente ao processo de aprendizagem dos educandos. É preciso que o ambiente escolar seja adequado e pensado para uma classe multisseriada, seja um lugar onde os alunos saibam que não é apenas um ambiente para o ensinar, mas também para o acolher e o aprender, respeitando suas formas de vivências e formação cidadã. Como nos diz Freitas (2005, p. 27) sobre o trabalho com as classes multisseriadas:

“O trabalho com as classes multisseriadas precisa aceitar os alunos como são, valorizando suas formas de viver e de aprender, buscando uma ação coerente entre o que ensinamos e o que vivemos, construindo uma comunidade educativa marcada por um agir ético que promove o ser cidadão”.

Infelizmente, um espaço escolar que seja digno para o aluno foge do controle do educador, pois, há muitos percalços para serem supridos que vão além dos interesses do professor e da comunidade escolar e muitas vezes são dificilmente resolvidos, uma boa estrutura de um prédio para receber os alunos da escola do campo é um deles. Essa é uma situação real de inúmeras escolas multisseriadas espalhadas nos territórios rurais camponeses, onde geralmente o ambiente escolar acaba por ser esquecido pelo poder público comprometendo o aprendizado dos alunos, gerando em muitas ocasiões transferências, evasão, atraso escolar e abandono por parte dos estudantes e de seus familiares como ocorre em muitas escolas do campo e na escola foco deste trabalho, reverberando em desânimo no professor/a que se vê muitas vezes sem saída e sem apoio para proporcionar um ensino de qualidade para a comunidade.

2.2 O papel do brincar na construção do conhecimento

O brincar é fundamental na vida de todo e qualquer ser humano, e está ligado diretamente ao processo de formação cidadã e em nossa construção do conhecimento. É por meio do brincar que a criança desenvolverá sua autonomia, a compreensão da realidade em que vive, o papel das pessoas em sociedade, afetividade com o outro, e suas emoções. Por meio das brincadeiras, o mundo imaginário ganha mais vida e se torna mais criativo, preparando o ser humano para lidar com situações do dia a dia. “É dentro desse contexto que o brincar oferece-nos a possibilidade de tornarmo-nos mais humanos, abrindo uma porta para sermos nós mesmos, poder expressar-nos, transformar-nos, curar, aprender, crescer” (FRIEDMANN, 2004, p. 13).

As brincadeiras, os jogos, o imaginário... também fazem parte da rotina das crianças que estudam na escola do campo da Vila Jordão, pois como afirma Souza (2009, p. 53):

As culturas infantis são produzidas e transmitidas pelas brincadeiras, pelos jogos, pelas cantigas, pelas histórias orais e pelo folclore (cultura popular regional), das relações entre pares, do imaginário, da imitação, das músicas entre outros aspectos da ludicidade que expressam a especificidade do olhar infantil.

Foi perceptível, nos dias de pesquisa, durante o intervalo a professora também brincava com atividades lúdicas desenvolvidas para os alunos, assim como as próprias crianças tinham a liberdade para brincadeiras livres. Estas práticas pedagógicas ajudam nas interações sociais entre elas e melhoram suas relações, ao mesmo tempo as crianças são livres para tomar a frente dos jogos e se divertirem durante o intervalo. E isso é muito importante, como nos diz Friedmann (2004), a ação do brincar está deturpada, o educador não possui conhecimento de sua prática e de como lidar com sua atuação, é necessário que o adulto aprenda a brincar, pois existem dúvidas sobre as brincadeiras livres e as orientadas, da forma de como observar e ouvir sem se envolver e sobretudo dos objetivos do brincar.

Percebe-se o quanto cada atividade tem um papel necessário na formação crítica das nossas crianças e “nessa perspectiva, compreende-se que a escola pode ser um espaço para o desenvolvimento das crianças a partir do brincar” (SOUZA; LEAL; SCHLINDWEIN, 2020, p. 123).

3. TECENDO O CAMINHO METODOLÓGICO

Esta investigação é uma abordagem de cunho qualitativa, pois “significa que o raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana” (STAKE, 2011, p. 21). A pesquisa qualitativa “ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais,

estabelecidas em diversos ambientes” (GODOY, 1995, p. 21). Esta investigação também conta com aprofundamento bibliográfico e a realização de pesquisa de campo, tendo como instrumentos de coleta de dados: a observação, desenhos, registros fotográficos e entrevistas estruturadas com os sujeitos que dela fazem parte.

O estudo foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Jamil Assad, localizada na comunidade Nossa Senhora da Conceição – Vila Jordão, no município de Bonito, nordeste paraense, estando há 15 km da sede da cidade. A escola (em 2022) formada por uma única turma multisseriada, do período matutino, composta por 11 alunos, entre 4 e 10 anos de idade. Dentre as 27 escolas do campo de Bonito, a EMEIF Jamil Assad, é uma das 24 escolas que ofertam o ensino multisseriado neste município.

A Vila constituída na época por 110 habitantes, formada por crianças, jovens, adultos e idosos. Sendo tradicionalmente uma comunidade formada por trabalhadores rurais. Alguns moradores sobrevivem de emprego em empresas do município, prefeitura, aposentadoria ou de trabalho rural. A maior parte das pessoas a qual vivem na comunidade são católicas, o que faz com que entre os costumes culturais do povoado a Festividade de Nossa Senhora da Conceição seja a principal delas, sendo uma das mais antigas do município. Vila Jordão é uma comunidade pequena no interior do município de Bonito, não se sabe exatamente o ano de sua fundação, não havendo um tempo certo, mas que talvez tenha sido pela década de 30 ou 40, segundo moradores.

Nosso lócus de pesquisa, a EMEIF Jamil Assad, possui 3 funcionários, a professora, a qual reside em outra vila, que também faz parte de Bonito, a auxiliar de serviços gerais e o zelador que são da mesma comunidade onde a pequena instituição está situada. No momento da pesquisa contava com 11 alunos, divididos em multissérie ou multiano (termo citado pela professora da escola), da qual 10 frequentavam as aulas e uma das crianças não havia iniciado o ano letivo por motivos de saúde. Há também na escola uma criança com deficiência da qual não foi inserida aqui qual o seu diagnóstico por não ter um documento que comprove e nem ter diálogo com os pais e/ou responsáveis.

A pesquisa foi realizada somente com 6 alunos dos quais possuem entre 7 e 10 anos, onde 3 estão cursando o 3º ano, apenas 1, o 4º e 2, o 5º ano e com a mãe de uma das crianças e a professora da escola. O período de realização da pesquisa foi entre os dias 3 e 11 de março de 2022. Ao longo dos dias, mantivemos contato com a mãe de um dos alunos, seguida pelas crianças e por fim com a professora da Escola. Ouvir as crianças, saber o que elas querem, sentem e pensam sobre dada realidade, que no caso aqui, reporta-se a uma escola multisseriada. Importante ouvir nossas crianças neste estudo, o quanto o conhecimento de cada uma delas é

fundamental para nos ajudar a refletir sobre o papel da escola em uma comunidade, o papel do docente e sua prática pedagógica e para nós em processo de formação traz uma bagagem enriquecedora. Por isso, é de fundamental importância ouvir suas vozes como nos diz Ferreira e Nunes (2014, p. 107):

Por um lado, porque se assumem como legítimas as suas formas de comunicação e relação, mesmo que se expressem diferentemente dos adultos. Por outro, porque se considera relevante que o que elas têm a dizer aos adultos são contributos importantes sem os quais a compreensão da vida em/ nas sociedades seria incompleta.

Durante o período de estudo, participei das aulas, conversei com a professora e a auxiliar de serviços gerais, também brinquei com as crianças em alguns momentos e além do diálogo utilizamos o desenho como instrumento para adquirir as ideias das crianças, suas leituras de mundo, a visão delas sobre a escola onde estudam e como elas gostariam que fosse o ambiente escolar onde estudam, afinal, elas têm o direito de “dizer a própria palavra, cunhar nela sua marca pessoal e marcar-se a si e aos outros pela palavra dita, gritada, sonhada, grafada... Ser autor significa resgatar a possibilidade de ‘ser humano’, de agir coletivamente pelo que caracteriza e distingue os homens... Ser autor significa produzir com e para o outro” (KRAMER, 2002, p. 83).

No dia 4 de novembro de 2023, fizemos a devolutiva da pesquisa com as crianças que fizeram parte da investigação, durante uma roda de conversa, apresentamos o trabalho e conversamos sobre as coisas que mudaram desde então. Um dos seis alunos que participaram da pesquisa não reside mais na comunidade, por isso apenas cinco crianças estiveram presentes e como auxiliar de pesquisa, Suane Cordeiro, residente na comunidade, nos dando suporte com os registros deste momento. Os procedimentos analíticos e métodos para a realização da pesquisa foram elaborados antes da pesquisa, mas é claro, durante a abordagem outros questionamentos foram surgindo e sendo aplicados e posteriormente foram realizadas as análises dos resultados obtidos.

Articular o conjunto de dados da investigação aliadas as reflexões teóricas em torno do objetivo proposto desta pesquisa aliados aos olhares e escutas, discorreremos nossas reflexões as questões de cunho teórico e empírico, mas que estão interrelacionados a saber: a) O que as crianças pensam sobre a escola que temos e as escola que queremos; b) que sentido e significações são dadas pelas crianças às suas aprendizagens; c) como se desenvolvem os brincades das crianças e suas relações nos espaço escolar.

4.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta sessão, apresentamos os resultados do estudo, a partir dos dados coletados na pesquisa desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Jamil Assad, na comunidade Vila Jordão, município de Bonito-PA. Inicialmente apresentamos os sentidos e os significados da escola para as crianças da comunidade, por meio de suas vozes e desenhos, coletados durante dialogo com elas, em seguida abordamos o espaço escolar e a aprendizagem para as crianças, professora da escola e a mãe de um dos alunos e o papel do brincar na construção desse conhecimento.

a) O que as crianças pensam sobre a escola que temos e as escola que queremos.



A partir de um diálogo com as crianças para saber o que pensam sobre a escola que frequentam, pedimos que desenhassem: a escola que temos e a escola que elas gostariam de ter. Os resultados podem ser vistos nos desenhos a seguir realizados com maestria pelas crianças.

A ESCOLA QUE TEMOS	A ESCOLA QUE QUEREMOS
Figura 01	Figura 02
	
	Vitória

Fonte: Arquivo do autor (2022)



No primeiro desenho (Figura 1), Vitória mostra a frente da escola onde estuda, reproduzida de acordo com sua visão e no segundo desenho (Figura 2), nos traz uma escola semelhante a qual ela estuda, porém em sua frente traz um pequeno parque de diversão.

A ESCOLA QUE TEMOS	A ESCOLA QUE QUEREMOS
--------------------	-----------------------

Figura 03	Figura 04
	 <p data-bbox="847 689 912 723">Davi</p>

Fonte: Arquivo do autor (2022)

Por outro ângulo, mas de acordo com sua visão, Davi nos mostra no primeiro desenho (Figura 3) a escola onde estuda, alguns aspectos como as cores são semelhantes aos desenhos de Vitória, o que em sua arte ele traz em comum ao de sua colega, é o parquinho de diversão no segundo desenho (Figura 4) sobre a “escola que queremos”.

A ESCOLA QUE TEMOS	A ESCOLA QUE QUEREMOS
<p data-bbox="236 1160 368 1193">Figura 05</p> 	<p data-bbox="847 1160 979 1193">Figura 06</p>  <p data-bbox="847 1547 935 1581">Rafael</p>



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Em seus desenhos, Rafael também traz traços semelhantes aos de seus colegas, no primeiro (Figura 5), nos mostra uma visão mais ampla em relação a “escola que temos”, semelhante aos desenhos de seus amigos, no segundo (Figura 06), traz a escola, mais um parque e dessa vez uma pequena quadra para brincadeiras.

A ESCOLA QUE TEMOS	A ESCOLA QUE QUEREMOS
Figura 07	Figura 08
	 Sophia

Fonte: Arquivo do autor (2022)


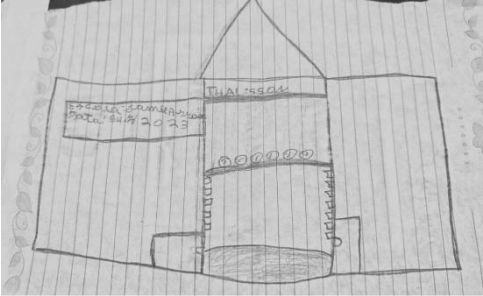
Em seus desenhos, Sophia traz um mundo de cores para a representação da “escola que temos” e da “escola que queremos”, como pode ser observado nas figuras 7 e 8, o que mais chama atenção é que no segundo desenho, a aluna traz o “ar-condicionado” como uma forma de climatização para sala de aula, para que todos se sintam confortáveis durante as aulas.

A ESCOLA QUE TEMOS	A ESCOLA QUE QUEREMOS
Figura 09	Figura 10
	 Laissa

Fonte: Arquivo do autor (2022)

Laissa em seus desenhos nos traz na Figura 9, o desenho de sua escola e uma frase “Não entre lobos”, fruto do imaginário infantil e em suas explicações é que por ali existem lobos, creio que seja uma de suas formas de brincar, já na Figura 10, novamente temos uma escola

com um parquinho, semelhante aos de seus colegas, porém novas cores dão vida ao espaço escolar.

A ESCOLA QUE TEMOS	A ESCOLA QUE QUEREMOS
Figura 11	Figura 12
	 <p data-bbox="847 920 975 954">Thalisson</p>

Fonte: Arquivo do autor (2022/2023)

Thalisson, em seu primeiro desenho (Figura 11), traz a sua escola e ainda trouxe sua tia Eliene, que atua como auxiliar na cozinha da escola, durante a realização da pesquisa em 2022, o aluno não havia feito o segundo desenho, após o retorno que fizemos na escola, ele pediu para fazer novamente e no segundo desenho (Figura 12), ele nos mostra a “escola que queremos” por um novo olhar onde ela ganha uma nova estrutura.

Os desenhos que retratam as escolas e foram feitos pelas crianças durante as conversas com elas sobre o que elas achavam, pensavam e refletiam a respeito do ambiente escolar onde estudam. Oliveira e Santos (2020, p. 276) destacam que “o desenho se constituiu em uma forma de participação e em diversas situações expressaram leitura de mundo, opiniões e sentimentos”. Por isso foi pensado na prática do desenhar a escola onde estudavam e a escola onde elas gostariam de estudar pelos próprios alunos. É importante ressaltar que “as crianças continuam a nos dizer: com os olhos, com os gestos, com os desenhos e com as mais diversas formas que encontram de produzir significados” (MOLISANI; MACHADO; MATA, 2020, p. 294) e esta foi a melhor forma que encontramos para ver um pouco da realidade vivenciada pelos educandos.

A seguir apresentamos os dois contextos nas visões das crianças, a escola onde estudam e a escola onde elas gostariam de estudar.

A ESCOLA QUE TEMOS	A ESCOLA QUE QUEREMOS
Figura 13	Figura 14
	

Fonte: Arquivo do Autor, Suane Cordeiro (2022)

Nas imagens acima, temos a Escola da Vila Jordão (Figura 13) e a Escola da Vila Diretório (Figura 14), ambas comunidades possuem números de habitantes semelhantes, pessoas humildes e estão localizadas na mesma região no município de Bonito. Ambas as escolas são portadoras de crianças com sonhos e que merecem o valor de uma escola bem estruturada e com acessibilidade para uma educação pública de qualidade. Percebe-se pelos retratos das crianças através de seus desenhos que o desejo de uma escola “dos sonhos” não foge da realidade e das condições necessárias para uma boa escola pública: infraestrutura adequada e um simples parque de diversão, pois o brincar e a educação andam lado a lado.

b) Que sentidos e significações são dados pelas crianças às suas aprendizagens:

A escola do campo reflete variados aspectos culturais, sociais e políticos, sem deixar de mencionar as tensões que envolvem as lutas sociais pela garantia de direitos. Caldart (2004, p. 13), alerta que pensar uma proposta de educação do campo deve ser um processo de construção de um projeto de educação dos trabalhadores do campo gestado desde o ponto de vista dos camponeses e da trajetória de lutas de suas organizações. O campo é espaço de trabalho e educação como enfatiza Fernandes (2005, p. 137).

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só lugar de produção agropecuária e industrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e quilombolas. É no campo que estão às florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por isso tudo, o campo é lugar de vida e, sobretudo, de educação.

Nesta perspectiva, a escola para educar crianças no/do campo deve ser criado e recriado por elas. Deve ter os traços identitário de sua comunidade, mas nem sempre é isso que se vê. Para as crianças da Vila Jordão, a escola pode ser o lugar do sonho, da realização pessoal e profissional e lugar de produção de conhecimentos, como estas revelam em suas falas quando perguntado sobre o que significa ir à escola todos os dias, quais eram seus sonhos, o que deveria mudar na escola, o que aprendiam com sua professora, além de revelarem o papel das brincadeiras.

Por meio dos trechos destacados é possível refletir acerca do papel da escola e da educação na vida dos educandos e em nossa formação cidadã.

<p>Sentidos de ir à escola todos os dias:</p>	<p><i>“pra estudar... Porque estudar é bom. Pra ser alguém na vida.” (Rafael)</i></p> <p><i>“para ser uma médica. (Maria Vitória)</i></p> <p><i>“ser policial”. (Davi)</i></p> <p><i>“eu quero ser um professor”. (Rafael)</i></p>
--	--

Aqui temos um outro reflexo do diálogo com as crianças sobre a importância de estudar e o aprender no ambiente escolar:

<p>Aprender na escola é:</p>	<p><i>“porque é bom estudar... Sempre a gente tem que estudar. Sempre a gente tem que comprar as coisas, na escola...” (Thalisson)</i></p> <p><i>“eu já aprendi a ler, já aprendi fazer... aprendi fazer muito dever, aprendi fazer dever bonito, porque... quando eu era mais menor eu olhava o dever da Vitória pra mim fazer bonito... e agora eu tô fazendo muito bonito...” (Laíssa)</i></p> <p><i>“estudar é bom para ser alguém na vida ... é aqui que tudo começa... e quando eu acabar meus estudos eu vou ser... eu vou fazer um curso pra mim trabalhar com computador e pesquisar minhas coisas”. (Sophia)</i></p>
-------------------------------------	--

--	--

Aqui apresentamos um outro fragmento sobre a importância de ir para a escola todos os dias nas vozes dos alunos:

A importância de ir para a escola	<p><i>“Porque é importante estudar. Por que é importante estudar? Porque é bom estudar... Sempre a gente tem que estudar. Sempre a gente tem que comprar as coisas, na escola...” (Thalissom)</i></p> <p><i>“Sim. Porque eu não gosto de perder aula. Não acho importante estudar em casa. Porque eu não gosto. Eu gosto mais da escola”. (Sophia)</i></p>
--	--

Aqui apresentamos um outro recorte de como os alunos gostariam que fosse a escola onde estudam:

Como gostaria que fosse minha escola?	<p><i>“Desse tamanho... que tivesse ar-condicionado, televisão, que tivesse brinquedo lá naquela outra sala de “morcego” ... só pra gente brincar. (Sophia)</i></p> <p><i>“Uma escola com balanço”. (Rafael)</i></p> <p><i>“Vai fazer então a escola do Diretório”. (Davi)</i></p> <p><i>“Eu vou fazer a escola do Diretório”. (Rafael)</i></p>
--	---

Entre os alunos, é unânime que a forma que eles veem a escola da comunidade Diretório, vizinha da Vila Jordão, foi reestruturada pelo governo municipal também é o formato de escola

que os alunos gostariam de receber, não só pela estrutura, mas pelo parquinho, pela climatização e uma escola digna para os alunos da rede pública.

Agora apresentamos alguns destaques da conversa com a mãe da aluna Laissa, onde ela nos fala sobre o porquê de sua filha frequentar a escola, o que ela espera da educação e quais os sentidos e significados de levar sua filha todos os dias para a escola. Após as falas de Dona Eliene, apresentamos algumas reflexões acerca das vivências e do relato de uma mãe pertencente a uma comunidade do campo.

<p>Por que você quer que sua filha estude/frequente a escola?</p>	<p><i>“Porque o futuro deles hoje depende do estudo deles, né? Então pra eles ter um futuro melhor que nem... de que até o meu que só fiz a sexta série eles têm que ter hoje em dia um estudo, terminar os estudos, o ensino médio né? E no futuro fazer uma faculdade pra ter um emprego melhor, ter uma vida melhor... uma condição bem melhor de que a minha. Até mesmo por que eu nem tive condição nem de estudar né? Porque no meu tempo nem benefício existia, então é pra isso que eu quero que ela frequente a escola pra ter um futuro melhor pra ela”. (Eliene)</i></p>
--	---

<p>O que você espera da escola? (Que a escola possa fazer por sua filha)</p>	<p><i>“Possam educar bem mesmo pra daqui mesmo, né? Porque ela tá no aprendizado... É. Aqui que começa, eu espero que ela quando sair daqui pra ir pra cidade, já vai aprendendo a ler, que ela tem sete aninhos, né? E eu espero que ela vai evoluindo mais aqui, que ela aprenda a ler esse ano já, pra com oito anos já tá... já avançada de série né?”</i></p>
---	--

<p>Quais os sentidos de enviar/acompanhar sua filha todos os dias para a escola?</p>	<p><i>“Pra ela aprender mais rápido, evoluir mais rápido, porque se ela vir todo dia ela vai todo dia ter... aprender uma coisinha, né? Ela sem vim pra aula fica mais difícil, porque pra mim ensinar... em casa eu não tenho muito saber e aí ela tem que vir todo dia que é pra todo dia aprendendo um pouco que é pra poder evoluindo mais rápido (...) ajudo... em tudo, eu a ajudo ela. Ensino, tô ensinando ela a aprender a ler, ensino ela de todo jeito (...) o pai dela também ajuda... quando eu não tô ele ajuda ela e assim nós dois tamo indo (...) O pai dela não é muito presente porque ele trabalha, né? só falta a aula se tiver doente, nem negócio de passeio se for pra passear e perder um dia de aula, ele não aceita de jeito nenhum. E assim nós ajuda. Ele ajuda de um lado e eu do outro.”</i></p>
---	---

É perceptível por meio do diálogo com a mãe de uma das crianças enxergar a realidade de muitas famílias do campo, que passam ou passaram por situações semelhantes, mas que ainda olham para a educação como um ato de liberdade para seus filhos, onde por meio dos estudos será possível progredir na vida pessoal e profissional. Durante uma conversa realizada sem gravação, Dona Eliene relatou que só com a pandemia foi possível ver a importância da escola para o ensino da criança e como a socialização com os amigos e a professora faz total diferença no ato de aprender.

Agora apresentamos recortes da conversa com a Professora Soelane, que atuava como professora pelo segundo ano seguido da escola da Vila Jordão, sendo esta sua primeira experiência enquanto docente, na época no ano de 2022, recém-saídos de uma pandemia, ainda era o retorno das aulas nas comunidades rurais. Em conversa, a professora nos falou sobre os sentidos e significados de ir trabalhar na escola, sua relação com o ensinar e aprender, as condições de trabalho de um professor e o papel da escola neste processo de conhecimentos. Após as falas da professora, apresentamos uma análise reflexiva dos desafios encarados por uma professora da multissérie.

<p>Qual o sentido/significado de ir/vir para a escola trabalhar, ensinar coisas... sua relação com o ensinar e o aprender?</p>	<p><i>“Pra mim é muito importante porque vou ensinar eles, vou repassar meu conhecimento e aliás, a gente repassa e a gente aprende, aprende mais do que a gente já sabe. Então, pra mim significa muito, né?!... significa muito pra mim e pra eles (é uma troca) é uma troca de conhecimentos”. (Profª. Soelane)</i></p>
---	--

<p>Quais as condições que o professor tem hoje para trabalhar?</p>	<p><i>“Pouco. Poucas condições, porque assim... se a gente não for dar o melhor da gente, a gente não for criar aqui as coisas para repassar melhor para eles... aqui na sala, você ver que é tudo misturado e aí tem aluno especial, então não tem uma condição para repassar conhecimento para ela, já tem que vir professor específico ou então era pra vir jogos pra cá, para repassar pra ela e aí não tem. Fica difícil pra mim, vou ter que passar pra tudinho e pra ela não tem, aí fica difícil. (São anos diferentes, né?) É. São diferentes. Aí fica ruim de passar. Não tem nada pra ela. Eu até pedi pra coordenadora, disse que vinha, mas não veio.”</i></p>
---	---

<p>Desde que nascemos, aprendemos muitas coisas, na família, na escola, com os amigos. Com que você aprendeu? O que você acha importante aprender? E que</p>	<p><i>“Quando a gente nasce, a gente aprende de acordo com que os pais vão ensinando, né? A partir que a gente evolui para os estudos mais avançados, a gente evolui mais ainda, vai aprendendo, cada vez mais o</i></p>
---	--

<p>papel você atribui à escola nas aprendizagens?</p>	<p><i>conhecimento vai abrindo... Eu acho importante aprender, buscar, aprender cada vez mais, estudar bastante que é pra poder repassar pra eles novas informações. Para que eles também consigam adquirir o conhecimento. Eu tento passar o mais importante pra eles... o meu papel aqui é educar eles para que futuramente, eles cresçam...”</i></p>
--	---

A participação da professora Soelane nesta pesquisa nos mostra a realidade de um professor de uma comunidade do campo e reflete um pouco da realidade dos professores das 24 escolas rurais que ofertam o ensino multisseriado no município de Bonito e nos faz refletir acerca das duras dificuldades enfrentadas por um educador da multissérie. Este profissional por sua vez precisa lidar em sua atuação enquanto docente com crianças com idades que variam de 3 a 10 anos, em anos do ensino fundamental iniciais ou educação infantil, preparando conteúdos que possam ser transmitidos para uma única turma durante o período de aulas.

c) Como se desenvolvem os brincades das crianças e suas relações com o aprender no espaço escolar.

Como já foi discutido no decorrer do texto, as brincadeiras também fazem parte da rotina das crianças na escola da Vila Jordão, isto é notório ao acompanhar o diálogo com os alunos quando citam o desejo de ter um parque no espaço escolar, semelhante ao da escola da comunidade vizinha, entre as brincadeiras favoritas estavam bandeirinha que jogavam durante o recreio e o futebol pela parte da tarde na praça ou no campo da vila. Além de um simples parque na escola, o brincar é algo presente na vida destas crianças, é algo que perpassa de geração em geração nas comunidades camponesas e na Vila Jordão não seria diferente. Por meio das brincadeiras, aprendemos, ensinamos, criamos laços afetivos e fortalecemos as relações de amizades.

No dia 4 de novembro, realizamos o retorno a escola para mostrarmos o encaminhamento da pesquisa realizada no ano anterior (2022) e conversar com as crianças sobre esses “encontros e desencontros” 1 ano depois, dos pensamentos e das poucas coisas que mudaram durante este período.

- Foto 1: Roda de conversa realizada com as crianças para devolutiva da pesquisa



Fonte: Arquivo do autor (2023)

No dia 4 foi realizada uma roda de conversa para a devolutiva da pesquisa com as crianças, apresentando a elas alguns dos resultados e como ele seria o meu Trabalho de Conclusão de curso.

- Foto 2: Crianças observando os desenhos feitos por elas durante a pesquisa



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Durante este momento, também apresentei para as crianças os desenhos que elas produziram durante o período que estive com elas na escola. Thalissom que não havia produzido o segundo desenho pediu para fazer um novo e me entregou após o encontro. Neste dia, Davi, uma das crianças da pesquisa não participou pois ele e sua família já não residiam mais na comunidade.

- Foto 3: Turma da escola da Vila Jordão durante aula



Fonte: Arquivo do autor (2022)

Crianças durante aula com a professor da escola, foto registrada durante um dos dias de observação e pesquisa na escola.

- Foto 4: Crianças brincando durante o recreio



Fonte: Arquivo do autor (2023)

Aqui as crianças estão brincando de “bandeirinha”, umas das brincadeiras favoritas delas, elas brincam durante o recreio/intervalo das aulas.

Apresentamos a seguir algumas das questões que foram conversadas com as crianças no retorno com elas no dia 4 de novembro:

<p>Por que vocês desenharam um parque?</p>	<p><i>“Era pra gente brincar” (Laissa)</i> <i>“Na hora do recreio a gente brincar” (Vitória)</i> <i>“Era o sonho da gente” (Thalissom)</i> <i>“A gente brinca de bola...” (Laissa)</i></p>
<p>Vocês acham importante a brincadeira na escola?</p>	<p><i>“Eu acho” (Vitória)</i> <i>“Eu também” (Sophia)</i> <i>“Tu estuda e tem o momento pra ti brincar, merendar...” (Vitória)</i></p>
<p>A gente aprende brincando? E se a brincadeira for sobre a aula? Vocês tem jogos sobre português, matemática?</p>	<p><i>“Não...” (todos)</i> <i>“Ai é legal” (Vitória)</i> <i>“É legal” (Laissa)</i> <i>“Não” (todos) – sobre os jogos</i></p>
<p>Por que vocês vêm todos os dias para a Escola?</p>	<p><i>“Pra mim estudar e ser alguma coisa na vida” (Vitória)</i> <i>“Quero todo dia ir pra escola pra ser uma professora” (Sophia)</i> <i>“Pra mim ser alguém na vida e arranjar um trabalho bom e não ficar assim trabalhando no sol” (Rafael)</i> <i>“Eu venho pra cá... pra mim ser um doutor” (Thalissom)</i> <i>“Eu venho pra escola, porque na escola eu aprendo mais coisas do que em casa... e em casa eu quase não faço nada...” (Laissa)</i></p>

<p>O que vocês esperam da Escola?</p>	<p><i>“Que ela mude” (Rafael)</i> <i>“Eu quero que a escola seja reformada... tá pra cair em cima de nós” (Vitória)</i> <i>“Eu quero uma nova escola pra ser bem bonita” (Sophia)</i> <i>“Que nem a do Diretório, porque... é legal, cada sala tem [...] tem um parque pra brincar” (Laíssa)</i> <i>“Eu também acho legal a escola do Diretório” (Thalissom)</i></p>
--	--

O diálogo com as crianças e seus desenhos, a conversa com a mãe e a professora, nos mostram narrativas que são reveladoras de conhecimentos próprios e de esperança e ao mesmo tempo, o exercício de um pensar político, visto que percebe o papel da escola na transformação de vidas, por meio do estudo é possível mudar o *status quo* em que se encontram. Este pensamento pode oferecer sentido e significado ao papel da escola, não apenas para a vida destes educandos, mas para qualquer criança residente da comunidade Vila Jordão. Pensar que a escola do campo, pode ajudar a pensar e formar o ser humano e, evidentemente, as crianças com as quais trabalha, como seres históricos e produtores de cultura, “(...) seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem” (FREIRE, 2000, p.40).

A intencionalidade deste trabalho que realizamos, foi o descobrir além dos sentidos e os significados, as questões que estão envolvidas na prática educativa em uma experiência concreta da escola do campo e como tais práticas reverbera num fazer que articule vivências e experiências, aprendizados e convívios, num intercâmbio de saberes local e escolar, isso nos faz compreender os olhares e escutas das crianças, em meio aos encontros e desencontros em uma escola do/no campo, por meio de suas próprias vozes. Tal perspectiva aponta para uma ação docente que reflete sobre o sentido político da escola do campo e, cuja concepção aproxima as infâncias com o educativo escolar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escutar as crianças e potencializar seus dizeres acerca da escola que sonham, contribui e força o poder público a olhar com atenção sobre a infraestrutura oferecida às comunidades

dos territórios rurais. Compreender o que as crianças pensam sobre os espaços escolares, o ensino e sua aprendizagem, cotejam um repensar sobre as questões estruturais que inviabilizam práticas educativas lúdicas potencializadoras de um aprender com alegria, e apontam para organização do trabalho pedagógico que o educador(a) deverá criar, construindo metodologias de ensino que tenham como foco as culturas infantis do lugar, os saberes de experiências que cada criança traz em sua bagagem local. Sabe-se que as condições de trabalho enfrentadas nas escolas públicas do campo, dificultam o desenvolvimento de um fazer pedagógico que ultrapassem as cercas escolares, por não contarem com infraestrutura adequadas, formação continuada a partir de sua realidade, são alguns dos empecilhos que dificultam um fazer educativo promotor de saberes mais qualificados.

Quando olhamos para a escola do campo e reconhecemos a sua importância na formação crítica de milhões de sujeitos, principalmente os indivíduos da Amazônia, entendemos que a luta por políticas públicas que assegurem os direitos destas pessoas são meios pelos quais crianças, sejam elas ribeirinhas, indígenas, quilombolas ou camponesas terão motivações para buscar avançar em seus estudos e conhecimentos e assim conquistar os sonhos que por diversas vezes já foram interrompidas em outras crianças que não tiveram as mesmas oportunidades devido ao descaso com a educação pública e principalmente com a educação do/no campo.

A escola da Vila Jordão é um espaço de construção de conhecimento e de sonhos, um lugar onde já passaram várias gerações e que já vivenciaram por muitas vezes os mesmos conflitos, as mesmas dificuldades, onde educandos já tiveram o sonho de uma escola com mais estrutura, com mais acessibilidade e uma escola que garanta o direito de todos os cidadãos em formação. Dois anos se passaram desde quando iniciamos o planejar e a investigação e infelizmente os planos de uma escola “dos sonhos” com um simples parquinho, não saíram do papel ou dos boatos de uma possível reforma.

Estes são os encontros e os desencontros que refletimos com as vozes das crianças, os pontos positivos que nos fazem acreditar e os pontos negativos que nos fazem lutar e não desistir, que já vivenciamos e que hoje outras crianças estão vivenciando. Como desencontros observados em toda pesquisa, destacamos algumas dessas questões que infelizmente acabam por se fazer mais presente, por serem pautas necessárias que precisam de um olhar mais atento como: ausência de políticas públicas que atendam a infraestrutura da escola; que qualifique o trabalho do educador e dos demais funcionários da escola do campo; ausência de materiais pedagógicos que facilitem o trabalho de uma turma multisseriada, um espaço escolar adequado, alimentação de qualidade para crianças...

Enfim, esperamos que na continuidade deste trabalho, possamos acrescentar discussões teórico-metodológico, contribuindo com um saber-fazer reflexivo e crítico que é *saber-ser-pedagógico* desejado por Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

BRASIL, PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Decreto Nº 7.352, de 4 de novembro de 2010. **Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.** Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm>.

CALDART, Roseli Salete. **Elementos para construção do Projeto Político Pedagógico da Educação do Campo.** Ano 2 – número 2 – 2004.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

EVANGELISTA, Nislândia Santos; MARCHI, Rita de Cássia. **Sociologia da infância e reprodução interpretativa: um modelo redondo do desenvolvimento infantil.** Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 48, n. contínuo, p. e241891, 2022. DOI: 10.1590/S1678-4634202248241891 por. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/199880>. Acesso em: 24 jun. 2023.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A questão agrária no Brasil hoje: subsídios para pensar a educação do campo.** Cadernos Temáticos – Educação do Campo. SEED/PR. Curitiba, 2005.

FERREIRA, Manuela; NUNES, Ângela. **Estudos da infância, antropologia e etnografia: potencialidades, limites e desafios.** Linhas Críticas, v. 20, n. 41, p. 103-123, 2014.

FREITAS, Maria Natalina Mendes. **O ensino de ciências em escolas multisseriadas na Amazônia ribeirinha: um estudo de caso no Estado do Pará.** 2005. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico, Belém, 2005. Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1850>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FRIEDMANN, Adriana. **O papel do brincar na cultura contemporânea.** Pátio - Revista de Educação Infantil, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 14-16, 2004.

GODÓY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais.** Revista de Administração de empresas, v. 35, p. 20-29, 1995.

KRAMER, Sonia. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola.** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

MOLISANI, Bruna; MACHADO, Júlia Abreu; MATA, Luciana Porto da. **As crianças e suas linguagens: entre a livre expressão e as atividades dirigidas**. In: MOLISANI, Bruna; MACHADO, Júlia Abreu; MATA, Luciana Porto da. **Infância, Cultura, Diversidade e Inclusão**. 2. ed. Belém-PA: Eduepa, 2022. p. 294-305. ISBN 978-65-88106-19-8.

RODRIGUES, Caroline Leite. **Educação no meio rural**: Um estudo sobre salas multisseriadas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

SILVA, Isabel; SILVA, Ana Paula Soares; MARTINS, Aracy (org..). **Infâncias do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (Coleção Caminhos da Educação do Campo).

SILVEIRA BARBOSA, Maria Carmen; FERNANDES, Susana Beatriz. **Educação infantil e educação no campo**: um encontro necessário para concretizar a justiça social com as crianças pequenas residentes em áreas rurais. Reflexão e ação, p. 299-315, 26 abr. 2013.

SANTOS, Tânia Regina Lobato dos; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Educação popular em brinquedoteca hospitalar na Amazônia paraense**. In: SANTOS, Tânia Regina Lobato dos; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Infância, Cultura, Diversidade e Inclusão**. 2. ed. Belém-PA: Eduepa, 2022. p. 268-284. ISBN 978-65-88106-19-8.

SILVA, Cacilda Gonçalves da; SOUZA, Marta Suely Leal de. **Salas Multisseriadas**: um olhar sobre as práticas educativas construídas na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Ovídio Tavares de Moraes (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2014.

SOUZA, Ana Paula Vieira e. **As culturas infantis no espaço e tempo do recreio**: constituindo singularidade sobre a criança. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em Educação.

SOUZA, Jussara Oliveira de; LEAL, Gyane Karol Santana; SCHLINDWEIN, Luciane Maria. **Criança e Infância na Região Amazônica**: O brincar na educação infantil e nos Anos Iniciais. In: SOUZA, Jussara Oliveira de; LEAL, Gyane Karol Santana; SCHLINDWEIN, Luciane Maria. **Infância, Cultura, Diversidade e Inclusão**. 2. ed. Belém-PA: Eduepa, 2022. p. 121-133. ISBN 978-65-88106-19-8.

STAKE, Robert Edward. **Pesquisa Qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.